

DENGUE / Mais de 7 mil casos registrados em 2024 pelo governo de Goiás são de cidades que circundam a capital do país. Especialistas avaliam que deve haver diálogo entre o GDF e as prefeituras da região para evitar sobrecarga

Entorno pressiona saúde pública do DF

» ARTHUR DE SOUZA
» GIULIA LUCHETTA

Os casos de dengue no Distrito Federal estão sobrecarregando o sistema de saúde pública da capital do país. Até o fim da tarde de ontem, a taxa geral de ocupação dos leitos públicos de unidades de terapia intensiva (UTI) era de 94,86% para os adultos, 88,89% para os pediátricos e 97,59% para os destinados a neonatais. Só que a rede pública do DF também atende moradores do Entorno, o que contribui para a sobrecarga. De acordo com o último boletim epidemiológico da dengue, divulgado, ontem, pela Secretaria de Saúde (SES-DF), dos 81.408 casos prováveis da doença, 1.695 eram de moradores de Goiás.

Nos 12 municípios que fazem parte do Entorno do DF, segundo a Secretaria de Estado da Saúde (SES-GO), em 2024, até ontem, foram 7.097 casos confirmados de dengue — dos 21.513 registrados pela pasta em todo o estado (confira o quadro). Em entrevista ao *Correio*, na última sexta-feira, o subsecretário de Vigilância à Saúde (SVS), Fabiano dos Anjos, disse que o DF sente a pressão causada pelo Entorno na rede pública.

No Hospital Regional de Santa Maria (HRSM), a reportagem encontrou, na última segunda-feira, a moradora de Valparaíso de Goiás Maynara Fernandes, 23 anos. Ela disse que, na manhã de domingo, percebeu que a filha Maia, de apenas 9 meses, estava com febre de 38°C. Além disso, a bebê sofria com diarreia havia uma semana, um dos sintomas da dengue. A esteticista chamou a irmã, Mayara Fernandes, 28, para acompanhá-la, logo cedo na segunda-feira, até o Centro de Atendimento Integrado à Saúde (CAIS), em Valparaíso, onde pretendia consultar a recém-nascida.

"Fiquei apavorada quando cheguei lá", relatou a esteticista. "Em frente ao CAIS, onde fica a tenda do atendimento próprio para dengue, tinha muita gente", relatou. Na unidade de saúde Maynara foi aconselhada a procurar o Hospital Regional de Santa Maria, a opção mais próxima com pediatras, a 12km de distância de sua casa.

Por volta das 14h30, as irmãs pegaram uma senha na recepção do Hospital Regional de Santa Maria. "Demorou para fazer a triagem, a ficha e, até agora (19h30 de segunda-feira), não chamaram para a consulta", relatou Maynara. "A Maia (a filha) está até começando a ficar febril de novo", preocupou-se. O espaço estava repleto de crianças e mães, assim como ela, cansadas de aguardar atendimento. "Estou aqui até agora, mas vou embora porque não vou mais esperar. Tinha uma moça ali com uma criança (na fila) que mandou o esposo vir buscá-la. Ela disse que também não ia esperar mais", observou a esteticista, que desistiu da consulta e voltou para casa com a filha febril.

Peregrinação

Também moradora de Valparaíso, Leane Raquel Rodrigues, 34, estava no HRSM acompanhando a filha Carleane, 10, e a sobrinha Ramoniele, 16, que estavam com suspeita de dengue. Ela contou que tentou atendimento três vezes no CAIS da cidade goiana. "Eles só passaram dipirona. Minha sobrinha está com sangramento no nariz há quatro dias. Fui lá ontem (domingo), não tinha nem energia elétrica", relatou.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



A UPA do Novo Gama estava lotada com pacientes, diagnosticados com dengue, tomando soro

Números

Local	Casos confirmados
Águas Lindas	234
Alexânia	737
Cidade Ocidental	194
Cocalzinho de Goiás	207
Cristalina	459
Formosa	697
Luziânia	1.004
Novo Gama	1.273
Padre Bernardo	651
Planaltina	583
Santo Antônio do Descoberto	385
Valparaíso de Goiás	673

Fonte: SES-GO

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Giulia Luchetta/CB



Maynara procurou atendimento em Valparaíso desde domingo

Segundo Leane, a sobrinha foi a primeira, entre as duas meninas, a apresentar sintomas, na quarta-feira passada. A mãe de Leane a levou, no mesmo dia, ao CAIS, onde a estudante fez exame de sangue e tomou medicação intravenosa. Ontem (domingo), durante o retorno no centro de atendimento, Ramoniele desmaiou. "O exame nem estava pronto. Ela (Ramoniele) disse que estava com o nariz sangrando, mas só passaram soro e dipirona", afirmou Leane. "Ela não está melhorando. Minha mãe falou que ela desmaiou e só deram o soro. Nem conseguiram imprimir o exame no

CAIS, porque estavam sem energia elétrica", reclamou Leane.

De acordo com ela, como os exames do CAIS não saíram, teve que ir até o Hospital de Santa Maria com as meninas, que estavam piorando. "Carleane está com sintomas há quatro dias. Ela já teve pneumonia na infância e está sentindo dores no peito, na cabeça e febre", comentou Leane, que elogiou o atendimento do HRSM, apesar da demora.

União

Sanitarista e professor da Universidade de Brasília (UnB), Jonas Brant

Giulia Luchetta/CB



Leane Raquel estava acompanhando a filha e a sobrinha no HRSM

explica esse fluxo de pacientes do Entorno para o DF. "Agente tem uma característica que, por ser uma capital, temos uma concentração de equipamentos de saúde que a maioria dos municípios (do Entorno) não dispõe. Isso faz com que essa população busque atendimento aqui", afirmou. "É muito mais perto, o acesso a esse serviço aqui no DF e não em Goiânia", ressaltou o especialista.

Segundo ele, é necessário trabalhar em um comitê de gestão da epidemia entre DF e Entorno, para que haja o monitoramento de como está a situação. "O olhar não deve ser de que o Entorno pesa no DF

ou vice-versa, mas que todo mundo pesa em todo mundo e que essa análise tem que ser feita em conjunto. Não dá para imaginar uma epidemia em qualquer município do Entorno que não afete o DF ou o contrário", acrescentou Brant.

MBA em gestão pública pela Universidade do Distrito Federal (UDF), Thaynara Melo ressaltou que a sobrecarga no sistema de saúde do DF causada pela população do Entorno é apontada como um dos motivos para o atendimento ruim nas unidades hospitalares. "Essa é mais uma variável que deve ser considerada em qualquer

estratégia para políticas de grande escala do DF. Precisamos considerar o fluxo da população do Entorno no nosso escopo de atendimento do SUS, por conta da proximidade espacial e da dificuldade de infraestrutura das cidades menores", afirmou.

"O trabalho de prevenção com as cidades do Entorno é parte da resposta para a eventual pressão que nosso sistema de saúde vem enfrentando por conta dos casos de dengue", observou Thaynara. "Principalmente um diálogo direto entre o GDF e as prefeituras das cidades que fazem fronteira com o DF. Essa é uma forma mais racional, rápida e efetiva para chegar em soluções conjuntas e diminuir a quantidade de casos", acrescentou a especialista.

Interferência

De acordo com a SES-GO, a cidade do Entorno com o maior número de casos confirmados de dengue é o Novo Gama. O *Correio* esteve na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do local e constatou que a parte destinada para o atendimento de casos prováveis de dengue estava lotada.

Uma das pessoas que buscavam atendimento para a filha era a dona de casa Patrícia Avelino, 42. Ela contou que a filha estava com sintomas da doença e, por isso, decidiu buscar a confirmação. "Na rua onde moro, tem muita gente que pegou dengue, inclusive teve casos até de morte. Na minha família, ela é a primeira que, provavelmente, pegou a doença nessa epidemia", lamentou.

"Na minha opinião, são os vizinhos que não estão fazendo a parte deles. A prefeitura limpa e, logo em seguida, está tudo sujo novamente. Não adianta cobrar das autoridades, se não fizermos por onde também", reclamou a dona de casa. "Na minha casa, nem planta tenho, justamente para evitar locais onde o mosquito possa se reproduzir", garantiu.

Ao *Correio*, a superintendente de Vigilância em Saúde da SES-GO, Flávia Amorim, disse que a região do Entorno foi a primeira que acendeu o sinal de alerta sobre a dengue no estado. "Principalmente no município de Águas Lindas, ele foi o primeiro que montou o gabinete de crise (em 15 de janeiro). A situação da dengue no estado como um todo é de preocupação, tanto que foi decretado estado de emergência na saúde pública e, no Entorno do DF, não é diferente", afirmou.

Para a superintendente, a situação que o Distrito Federal enfrenta também colaborou para o estado de emergência vivido no Entorno. "Temos municípios onde a diferença é a divisa de rua. Então, a gente sabia que o que está acontecendo no DF interferiria também nos municípios do Entorno", lamentou. "Por isso que esses municípios são considerados, para nós, prioritários no desenvolvimento de ações", garantiu Flávia.

Flávia Amorim comentou que, amanhã, o governo de Goiás vai promover o Dia D de Combate à Dengue. "O que estamos querendo de todos os municípios do estado é uma grande mobilização para sensibilizar a população e também todos os órgãos das prefeituras, para que todos sejam verdadeiros agentes de controle em endemias", ressaltou. "Se a gente unir as forças dos governos municipal, estadual e federal, mais a população, principalmente na eliminação dos criadouros, conseguimos reduzir também a transmissão", avaliou.